

CONTRIBUIÇÕES DA BOCHA PARALÍMPICA ADAPTADA À ESCOLA

CONTRIBUTIONS OF THE PARALYMPIC BOCCIA ADAPTED TO THE SCHOOL

Márcio de Souza Santos
Carolina Gonçalves da Silva Fouraux

Rede Pública de Limeira, SP, Brasil

Resumo

A bocha paralímpica é um esporte para pessoas com comprometimento motor nos quatro membros que pode ser adaptada para o ambiente escolar, permitindo que as crianças com deficiência física severa interajam com os demais alunos, como ponte de socialização. Assim, o objetivo deste estudo foi analisar as pesquisas desenvolvidas nos últimos anos sobre bocha paralímpica na escola e elencar os benefícios encontrados. Para o desenvolvimento do estudo foram utilizados os procedimentos de uma Pesquisa Bibliográfica, empregando como critério de busca a frase “bocha paralímpica na escola”. Dez trabalhos que abordam o tema foram encontrados. Além da inclusão, os aspectos positivos descobertos foram aprimoramento motor; desenvolvimento do raciocínio lógico; e uso lúdico do esporte para o divertimento. Apesar do número pequeno de trabalhos, a abrangência geográfica deles mostra que esse esporte está bem difundido pelo Brasil e os benefícios observados demonstram que o movimento paralímpico deve continuar como um dos pilares na construção de uma sociedade para todos.

Palavras-chave: Atividade Motora Adaptada. Bocha Paralímpica. Escola.

Abstract

Paralympic boccia is a sport for people with motor impairment in the four limbs that can be adapted to the school environment, allowing children with severe physical disabilities to interact with other students, as a bridge for socialization. Knowing this, the aim of this study was to analyze the research developed in recent years on Paralympic Boccia ball at school and list the benefits found. For the development of the study, the procedures of a Bibliographical Research were used, using as a search criterion the phrase “Paralympic Boccia at school”. Ten papers addressing the topic were found. In addition to the inclusion, the positive aspects discovered were motor improvement; development of logical reasoning; and playful use of sport for fun. Although the number of works is low, their geographical coverage shows that this sport is widespread in Brazil and the observed benefits demonstrate that the Paralympic movement must continue as one of the pillars in the construction of a society for all.

Keywords: Adapted Motor Activity. Paralympic boccia. School.

1 Introdução

Com o avanço da medicina e da cultura da inclusão na sociedade contemporânea, cada vez mais se observam pessoas com deficiência atuando no em diferentes ambientes. Assim também ocorre no esporte, principalmente no Brasil, o movimento paralímpico vem tendo destaque nas conquistas esportivas: na última Olimpíada que aconteceu no Rio de Janeiro, em 2016, o Brasil ficou no quadro geral em décimo terceiro lugar com 19 medalhas. Enquanto isso, nas Paralimpíadas no mesmo ano, o Brasil ficou em oitavo lugar com 82 medalhas (PINTO *et al.*, 2017). Pode-se argumentar que o número de classificações para cada modalidade esportiva é bem maior nas Paralimpíadas, visto que, existe um número grande de variações de deficiência, mas, mesmo com essa variação, o número quase cinco vezes maior impressiona, além do que, a colocação não obedece essa variação, mostrando um Brasil com crescente destaque nos esportes para pessoas com deficiência.

As pessoas estão começando a enxergar que o esporte paralímpico também é atraente do ponto de vista da *performance*, da emoção e da diversão, assim, em 2016, foi atingido o recorde de público nas Paralimpíadas, nas palavras de Andrew Parsons, presidente do Comitê Paralímpico Internacional:

Dois milhões e cem mil pessoas compraram ingressos para os Jogos Paralímpicos. Os outros países comentavam como o povo brasileiro e os cariocas abraçaram o evento. A nadadora Edênia Dorta, que é uma atleta muito experiente, disse que não conseguia parar de olhar pra torcida e que nunca imaginou vivenciar isso. Acho que as Paralimpíadas vão influenciar outras pessoas. Sempre acontece um “boom” após grandes competições, até com profissionais de educação física. A gente viu muitas pessoas com deficiência nas instalações, um número três vezes maior de cadeirantes no Parque do que nos Jogos Olímpicos. Vemos um aumento no número de pessoas que vão se envolver e praticar os esportes paralímpicos (TRINDADE, 2016, p. 1).

E para que essa cultura paralímpica realmente envolva as pessoas no nosso país, uma das ações que se deve consolidar é o esporte paralímpico na escola, assim como aponta Borgmann e Almeida (2015).

Nessa direção, para esse texto, a pergunta de pesquisa é: Qual o impacto da bocha paralímpica nas ações praticadas e observadas pelos profissionais e pesquisadores ligados à esse esporte adaptado para a escola, observáveis por meio das pesquisas mais recentes?

Para responder a essa pergunta, o objetivo do presente estudo foi: *analisar quais são os benefícios evidenciados pela prática de bocha paraolímpica na escola.*

2 Bocha paralímpica

A bocha teve uma boa difusão no Brasil através do Serviço Social da Indústria (SESI), implementando pistas de terra batida em suas dependências para a prática de bocha, tornando-a um esporte desenvolvido principalmente pela terceira idade (ROQUE, 2011).

Esse esporte começou a ser adaptado nos anos 70 nos países Nórdicos. No começo, apenas para pessoas com paralisia cerebral com severo comprometimento motor dos quatro membros. No Brasil, o esporte teve sua primeira representação nos jogos Pan-americanos de Mar Del Plata, no ano de 1995. Dois atletas foram chamados de surpresa para representar o Brasil com o fim de conhecer o esporte para posterior implantação no nosso país (CAMPEÃO, 2002). Inacreditavelmente, o Brasil conseguiu a primeira colocação na competição. A Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE) foi o órgão, subordinado ao Comitê Paralímpico Brasileiro, responsável pela inserção do esporte, incentivando a prática em todo território nacional a partir de campeonatos estaduais, regionais, brasileiros, participação nas Paralimpíadas Escolares e campeonatos internacionais, assim como capacitações dos profissionais e eventos relacionados (CAMPEÃO, 2002).

O Brasil tem representantes bem colocados nas quatro categorias desse esporte, como modalidade paralímpica (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE BOCHA - BISFED, 2020).

Cada vez mais, os esportes adaptados para pessoas com deficiência vêm tendo maior visibilidade, inclusive midiática, nos últimos anos. Portanto, hoje é de conhecimento comum que pessoas com deficiência possam praticar esportes, inclusive ao nível internacional. Mas, a bocha paralímpica tem aspectos incomuns até para os próprios esportes adaptados. Em nenhuma modalidade a integração de pessoas com o mais alto nível de comprometimento é tão completa e, além disso, é um dos esportes paralímpicos em que a inclusão abrange até o gênero sexual - na bocha paralímpica homens e mulheres jogam juntos e/ou competem entre si (SANTOS, 2016).

Essa atividade pode ser praticada individualmente, em duplas ou em equipes de três jogadores. Para todas as modalidades de disputa existe um confronto entre o jogador (ou jogadores) com bolas vermelhas contra o jogador (ou jogadores) com bolas azuis; sendo seis bolas para cada lado, mas uma bola branca para cada jogador, também chamada de *jack* ou bola-alvo. Cada uma dessas bolas pesa 275 gramas, podendo ter variação de 12 gramas para mais ou para menos, e mede 270 milímetros (SANTOS, 2016).

Nos jogos individuais, um contra um, a partida é dividida em quatro parciais de 5 ou 6 minutos, definida pela classe dos atletas (estas sofreram a diminuição de 1 minuto por parcial a partir dos campeonatos realizados no ano de 2014).

O principal foco desse esporte é proporcionar a autonomia de seus atletas, dentro e fora de quadra. Já o objetivo específico de jogo é aproximar o maior número de bolas de cor na bola alvo, branca ou *jack* no final de uma parcial (SANTOS, 2016).

Começa o jogo na primeira parcial o jogador que, depois de um sorteio realizado pelo árbitro da partida, detém as bolas vermelhas. Neste momento, o jogador lançará a bola alvo. Em seguida, será lançada uma bola vermelha, quando o jogador tentará aproximar essa bola à *jack*. O próximo lançamento será feito pelo jogador de bolas azuis, que tentará encostar sua bola mais perto da bola alvo do que seu adversário com as bolas vermelhas. Depois desses três primeiros lançamentos e não havendo nenhuma irregularidade, o árbitro verá qual bola esta mais próxima da *jack*. O jogador que estiver mais distante lançará novamente até ter uma bola com distância inferior da bola branca que seu adversário. Caso esse jogador consiga seu objetivo, será a vez de seu oponente tentar o mesmo. E assim, o jogo segue até o fim das bolas ou o término do tempo do parcial (SANTOS, 2016).

Terminando cada parcial, o árbitro fará a contagem dos pontos, sendo que só pontua o jogador que estiver com suas bolas mais próximas da *jack*. De tal modo que, se em um jogo a bola mais próxima da bola alvo for azul, a segunda azul também e a terceira vermelha, esta parcial terminaria com o resultado 2 azul. Os dois jogadores só podem pontuar, em uma mesma parcial no caso de bolas de cores diferentes equidistantes em relação à *jack* (SANTOS, 2016).

Ao término das quatro parciais, o árbitro deve somar os pontos de cada uma dessas e dar o resultado final da partida, ocorrendo mais uma parcial, no caso de empate (SANTOS, 2016).

3 Inclusão e o esporte adaptado / paralímpico

O Comitê Paralímpico Internacional elenca alguns objetivos que a educação paralímpica tem no ambiente escolar, são eles (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2006): compreender e ter atitudes positivas em relação às pessoas com deficiência; auxiliar as pessoas com deficiência sobre sua autonomia e igualdade de participação; divulgar o movimento paralímpico e seus valores; desenvolver e apoiar programas de educação em várias línguas e métodos de comunicação.

Além desses fatores positivos que o esporte paralímpico pode ter ao ser desenvolvido na escola, nesse estudo acrescenta-se um que corre paralelamente, que é as vantagens físicas ao se praticar o esporte paralímpico, visto que determinados movimentos e/ou posições não são normalmente empregadas em outros esportes convencionais.

Em 2003 o Comitê Paralímpico Internacional criou outro movimento em países europeus que é o “Dia Paralímpico Escolar”, nesse dia se valoriza os esportes adaptados na escola, falando sobre sua importância na conscientização em se respeitar as diferenças, além da vivência do esporte em si, incentivando as pessoas com deficiência a participar do meio social, ao mesmo tempo que as pessoas sem deficiência participam da atividade, retirando estereótipos desse diálogo (SCHELL, 2006).

Nas escolas do Brasil, a realidade ainda é diferente: Antunes (2020) fez uma varredura em teses e dissertações que abordam o tema esporte adaptado/paralímpico na escola e, pouquíssimos estudos foram encontrados. Mostrando que, embora o esporte paralímpico venha crescendo a nível de espetáculo para as pessoas que o assistem, e como profissão para os atletas, a presença dele nas salas de aula brasileiras ainda é escassa.

4 Método

Este estudo foi realizado por meio dos procedimentos de uma pesquisa bibliográfica que, segundo Turtelli (2003), utilizou bases de dados de diferentes formatos para construir um cenário temporal de um tema específico.

Para a análise de dados, foi utilizada a seguinte estrutura: escolha do tema; elaboração do plano de trabalho; identificação; localização; compilação; fichamento; análise e interpretação; redação.

No caso dessa pesquisa, foi utilizada a base de dados do Google Acadêmico e Scielo.br, que também indexa trabalhos de varias pesquisas nacionais e internacionais. As palavras-chaves utilizadas foram de forma associada: bocha adaptada/paralímpica e escola

Foi realizada a leitura dos artigos; identificada a contribuição desse esporte na escola; e, por último, houve a interpretação, relacionando os dados encontrados com sua experiência na área.

O tratamento dos dados foi realizado em três partes: 1) pré-análise (organização do material); 2) exploração do material (identificação das principais contribuições dos artigos analisados); 3) interpretação (diálogo com a literatura).

5 Resultados e discussão

5.1 Pré-análise

Quadro 1- Trabalhos que tratam da bocha paralímpica e escola

Citação	Instrumentos	Contribuição da bocha paralímpica	Tipo de estudo
AMORIM, 2018	Questionário	Não encontrou	Monografia
LEAL, 2011	Pesquisa-ação	Recreação	Relato
MACHADO <i>et al.</i> , 2017	Questionário e entrevista	Dentre vários esportes, não especificou	Artigo
OLIVEIRA, 2015	Vivência	Inclusão	Relato
RIBEIRO <i>et al.</i> , 2018	Pesquisa de Campo	Jogo digital contribuiu para jogo na quadra	Artigo
SILVA, 2014	Pesquisa-ação	Auxilia no estudo da Matemática	Dissertação
SILVA in BATISTA <i>et al.</i> , 2019	Pesquisa-ação	Mudança de visão da equipe escolar sobre a pessoa com deficiência	Relato
SILVEIRA, 2020	Bibliográfica	Contribuição física e sensitiva	Dissertação
SOBRINHO, 2017	Estudo de caso	Formação continuada para professores	Dissertação
SOUZA, 2017	Bibliográfica	Inclusão e desenvolvimento motor nos membros superiores	Monografia

Fonte: elaboração própria

5.2 Exploração do material

Foram encontrados quatro aspectos positivos na prática da bocha paralímpica de acordo com os autores citados no Quadro 1: como meio de diversão e passatempo (LEAL, 2011); como auxílio para crianças com paralisia cerebral estudarem matemática (SILVA, 2014); como forma de mudar a visão de equipe pedagógica de uma escola, mostrando que as pessoas com deficiência física, mesmo nos casos onde o comprometimento motor é mais atingido pela doença, tem capacidades/potencialidades, além de outros exemplos de inclusão (SILVA in BATISTA *et al.*, 2019; OLIVEIRA, 2015); e como ferramenta para desenvolver e manter a saúde física dos seus praticantes (SILVEIRA, 2020; SOUZA, 2017). Um dos artigos cita a bocha paralímpica sendo vivenciada numa formação continuada por professores que trabalham em escolas, mas não fala sobre os benefícios desse esporte na prática desses profissionais nas escolas, afora o próprio ganho teórico de conhecimento desses discentes (SOBRINHO, 2017). Dois dos artigos, apesar de citar a bocha paralímpica na escola, não elencam aspectos positivos dessa prática, talvez por serem trabalhos que tratem de formas mais abrangentes

sobre o esporte paralímpico e não focados na bocha paralímpica (AMORIM, 2018; MACHADO *et al.*, 2017). Por último, Ribeiro *et al.* (2018) trabalhou com um foco diferente e interessante: ele usou uma ferramenta digital para aprimorar a habilidade dos jogadores de bocha, testando-os no jogo de bocha paralímpica após a aplicação desse aparato tecnológico e encontrando mostras de aprimoramento no esporte.

Em relação aos métodos utilizados para abordar o tema: dois dos trabalhos ficaram restritos ao estudo bibliográfico e sugestões (SOBRINHO, 2017; SOUZA, 2017); os demais estudos foram a campo e vivenciaram a prática da bocha paralímpica, ensinaram a bocha para crianças na escola ou aplicaram questionários, entrevistas e inferências sobre projetos de bocha paralímpica existentes na escola.

Outro fato que chamou atenção foi a abrangência do tema em território nacional. Embora o número de estudos seja demasiadamente pequeno, foram encontrados estudos do Sul ao Nordeste do Brasil, com destaque para duas dissertações da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

5.3 Interpretação

Como já abordado anteriormente, o esporte paralímpico vem crescendo no Brasil cada vez mais (GORGMANN, ALMEIDA, 2015; TRINDADE, 2016). Pode-se constatar essa afirmação com os trabalhos encontrados em diversas regiões do Brasil trabalhando a bocha paralímpica na escola.

Entretanto, apesar do esporte paralímpico estar em curva ascendente, concorda-se com Antunes (2020) que buscou recentemente estudos que liguem a escola e o esporte paralímpico, encontrando um número reduzido de pesquisas. No presente estudo também foram encontrados apenas 10 trabalhos, número ainda menor do que a pesquisa menciona, dado o recorte ainda mais específico: bocha paralímpica na escola.

Sobre aspectos positivos na mudança de pensamento em relação a pessoa com deficiência e, principalmente na inclusão e interação entre pessoas com e sem deficiência proporcionadas pelo esporte paralímpico, tão presente em países europeus como aponta Schell (2006), foram observadas ações que caminham para o mesmo sentido nos trabalhos de Oliveira (2015), que cita a bocha paralímpica como fator inclusivo; na pesquisa de Silva (in BATISTA *et al.*, 2019), que descreve a transformação na visão de uma equipe pedagógica em relação às pessoas com deficiência; Souza (2017) também cita, entre outros benefícios, a inclusão entre pessoas que praticam esse esporte paralímpico.

Um estudo que se destaca, entre os que foram encontrados, é o de Silva (2014), que mostra com a bocha paralímpica pode auxiliar na matemática para estudantes com paralisia cerebral. Essa constatação corrobora com o estudo de Frank e Borella

(2014) que mostra como o tênis de mesa paralímpico também pode contribuir para o raciocínio lógico dos praticantes.

Existem vários fatores positivos que a bocha paralímpica (assim como outros esportes para pessoas com deficiência física) proporciona aos praticantes e as pessoas de seu convívio, mas, para além disso, é interessante como esse esporte pode contribuir de outras formas, até mesmo sendo uma ferramenta para outros objetivos, como a pesquisa de Silva (2014) sobre o estudo da matemática sugere. Outro aspecto interessante é como o leque sempre está se expandindo, produzindo trabalhos antes só vistos para esportes olímpicos, como a pesquisa de Ribeiro *et al.* (2018), mostrando o jogo digital a favor do esporte paralímpico.

6 Considerações finais

Esse trabalho teve o objetivo de analisar a bocha paralímpica na escola, atualizando o tema com os novos estudos produzidos nos últimos anos e mostrando os benefícios dessa prática esportiva. Com os trabalhos apresentados e o diálogo que foi feito com eles, o referencial teórico e o conhecimento prévio do autor, o mesmo considera que o objetivo foi atingido.

Alguns desses aspectos positivos eram conhecidos devido ao histórico do pesquisador nesse esporte, mas foi importante encontrar em outros trabalhos científicos resultados semelhantes para corroborar e mostrar que, mesmo com a diversidade de fatores que podem influenciar as variadas regiões do Brasil, a bocha paralímpica vem sendo praticada e estudada por todo país. Para além do esperado, foram encontrados trabalhos interessantíssimos que trazem à luz outras vertentes desse esporte, como seu auxílio no desenvolvimento do raciocínio lógico de estudantes com deficiência na fase escolar.

Uma discussão que não foi feita e que pode ser importante para a efetiva inclusão do esporte paralímpico no currículo escolar das escolas é que a prática dessas atividades físicas deve ser implementada mesmo sem a presença da pessoa com deficiência, visto que a semente da igualdade, equidade e respeito tem que estar presente desde sempre e não apenas quando alguém, com características diferentes, surge.

Esse trabalho fez um recorte específico do movimento paralímpico que cresce exponencialmente, ao trabalhar com a bocha paralímpica. Espera-se que presente pesquisa contribua para que mais professores e gestores se sintam motivados a incorporar essas práticas sem sala de aula para o bem de todos. E, principalmente, que a bocha paralímpica consiga chegar a cada vez mais pessoas com deficiência física severa que podem encontrar nessa atividade uma forma de socialização; diversão; desenvolvimento motor e intelectual; e, até mesmo, profissionalização.

Referências

- AMORIM, A. O. *A participação nas aulas de educação física e a prática esportiva na escola podem influenciar a orientação esportiva paralímpica em pessoas com deficiência severa?* Um estudo retrospectivo. 2018. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Federal de Pernambuco, 2018.
- ANTUNES, M. M. O esporte adaptado na escola: reflexões a partir da produção acadêmica nacional. *Revista Multidisciplinar de Ensino*, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. v.9, n.20, 2020.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BISFED. *World Ranks*. Disponível em: <http://bisfed-rankings.sport80.com/index.html#/ranking>; Acesso em: 10 jun. 2020.
- BORGMANN, T.; ALMEIDA, J. J. G. Esporte paralímpico na escola: revisão bibliográfica. *Movimento*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 49-64, 2015.
- CAMPEÃO, M. S. *Proposta de ensino de bocha para pessoas com paralisia cerebral*. Campinas: 2002. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. UNICAMP, 2000.
- FRANK, R.; BORELLA, D. R. Tênis de mesa paralímpico: uma proposta esportiva para pessoas com deficiência. *Revista Conexão UEPG*. Ponta Grossa, v. 10. n. 1, 2014.
- INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. *Paralympic School Day*: Manual. Bonn, 2006.
- LEAL, C. N. Alternativas na educação física escolar: um relato de experiência visando a inclusão. *In: ENCONTRO REGIONAL VIVENCIANDO UMA ESCOLA PARA TODOS, 2.*, Curitiba, 2015.
- MACHADO, M. C. M., *et al.* Paradesporto escolar no município de Blumenau/SC: inclusão e acessibilidade para todos. *Extensio: R. Eletr. de Extensão*, Florianópolis, v. 14, n. 25, p. 103-123, 2017.
- OLIVEIRA, R. S. Jogos adaptados: o que fazer e como fazer. *In: SEMINÁRIO INSTITUCIONAL DO PIBID*. Chapecó, 2015. *Anais...*, Chapecó, 2014
- PINTO, G. M. C. *et al.* Desempenho olímpico e paralímpico: uma análise comparativa entre países nos jogos Rio-2016. *Educ. Fís., Esporte e Saúde*, Campinas, v. 15, n. 3, p. 319-337, 2017.
- RIBEIRO, C. S. *et al.* Um estudo preliminar sobre a influência de um jogo digital de bocha no desempenho e aprendizagem de estudantes com deficiência. *In: WORKSHOP DE INFORMÁTICA NA ESCOLA, 24.*, Muzambinho, 2018. *Anais...*, Muzambinho, 2018
- ROQUE, Z. S. S. Memórias em campo: jogadores operários em São José dos Campos (1975-2010). *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26.*, São Paulo, julho 2011. *Anais...*, São Paulo, 2011.
- SANTOS, M. S. *Narrativa de uma atleta de bocha paralímpica: ouvindo os que não falam*. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal Rural Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- SANTOS, M. S; FOURAUX, C. G. S; MARQUES, V. S. Narrativa como método de pesquisa. *Revista Valore*, Volta Redonda, 5, ed. e sp., p. 37-51, 2019.
- SANTOS, M. S; FOURAUX, C. G. S; MARQUES, V. S. Narrativa de um atleta de bocha paralímpica: ouvindo os que não falam. *Mental*, Barbacena, v.11, n.20, jan./jun., 2017.
- SHELL, Bart. IPC's Paralympic Education: projects and approaches. *In: EUROPEAN CONGRESS OF ADAPTED PHYSICAL ACTIVITY*. Olomouc, Czech Republic. EUFAPA, 2006.

SILVA, J. P. V. Educação física adaptada: um relato sobre a proposta de intervenção pedagógica para alunos com paralisia cerebral. In: BATISTA, N. L. *et al.* (org.). *Formação, Prática e Pesquisa em Educação 2*. Atena ed., 2019.

SILVA, L. L. *O jogo de bocha adaptado como recurso no ensino da matemática para alunos com paralisia cerebral*. Dissertação (Mestrado profissional no Ensino de Ciências Exatas) - UNIVATES, 2014.

SILVEIRA, A. A. T. *Educação física escolar inclusiva: olhares e saberes de um grupo de professores do ensino público do Natal/RN*. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2020.

SOBRINHO, J. N. *Educação física escolar, formação continuada em serviço e inclusão: um diálogo com a diversidade*. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2017.

SOUZA, G. A. *Inclusão dos alunos com deficiência física nas aulas de educação física*. 2017. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Universidade de Brasília, 2017.

TRINDADE, B. Brasil e o mundo se impressionam com o público nas Paralimpíadas do Rio. 2016. Reportagem: *Jornal "O Tempo"*. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/hotsites/paralimp%C3%ADadas-2016/brasil-e-o-mundo-se-impressionam-com-publico-nas-paralimpiadas-do-rio-1.1373970>. Acesso em: 08 jun. 2020.

TURTELLI, L.S. *et al.* Caminhos da pesquisa em imagem corporal na sua relação com o movimento. *Rev. Bras. Cienc. Esp.*, v. 25, n. 1, p. 151-166, 2003.

Notas sobre os autores

Márcio de Souza Santos

Professor de Educação Física (graduado pela UFRRJ) efetivo na rede pública de Limeira/SP; Pós-graduado em Educação Inclusiva (Universidade Cruzeiro do Sul); Mestre em Psicologia pela UFRRJ. cm_efa@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-2159-2450>

Carolina Gonçalves da Silva Fouraux

Professora de Educação Física (graduada pela UFRRJ) efetiva na rede pública de Limeira/SP; Pós-graduada em Psicomotricidade (Faculdade São Luís); Mestre em Psicologia pela UFRRJ. mcefad@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-2212-9326>

Recebido em: 25/03/2021

Reformulado em: 09/04/2021

Aceito em: 14/04/2021